

Editorial

Pesquisar demanda manter o rigor científico mesmo nos momentos de maior pressão e busca por resultados rápidos. Se nas investigações tradicionais é necessário foco certo para escolher um objeto bem como as estratégias, os últimos anos trouxeram ondas de rupturas no campo da Comunicação Social. Quando a área estava compreendendo as redes sociais digitais, a organização de informações através de algoritmos reconfigurou o cenário. Enquanto o tema emergência, a desinformação e seu papel político ganhou novos tons, influenciando eleições e comportamentos. A pandemia da covid-19 é mais um elo neste processo, porém sui generis.

Mesmo com outros eventos no passado para comparar e ponderar, o momento atual ainda precisa reforçar a importância da ciência. Vivemos não apenas uma pandemia biológica, mas também informacional, e esta última reforça a outra. Justo quando o contamos com ferramentas rápidas para conscientizar sobre procedimentos seguros e orientações de sobrevivência, parte do esforço dos comunicadores foi empregado no combate ao uso problemático dos meios. Processos ainda mais difíceis e não menos necessários em momentos de sucessivos cortes nos orçamentos destinados para a pesquisa.

Neste período, a população foi dividida entre aqueles que não deixaram de atuar, enquanto os caminhos digitais aceleraram o trabalho remoto. Em questões de semanas, redações e agências foram transformadas em grupos de usuários em plataformas de comunicação, na busca pela continuidade dos ofícios, mas também da produção de um senso mínimo de sobrevivência, felizmente reforçado pela emergência das vacinas.

Esta edição da Rizoma também é uma vacina, um conjunto de informações para auxiliar na imunização contra a informação corrompida e enviesada.

A partir de olhares dedicados para as expressões durante os dias de quarentena, quando a arte novamente mostrou o quão fundamental é para a sobrevivência humana, outros artigos discutem como a Internet foi utilizada para aproximar pessoas diante da impossibilidade de um simples abraço, ao passo que a credibilidade dos dados transbordou para além do Jornalismo em si. A emergência das agências de checagem de dados é combatida por conspiradores justo pela sua importância em um momento em que as plataformas não atuam da maneira prevista.

Convidamos você para uma leitura crítica, que também reverbera entre seus pares, assim como ocorreu entre a equipe de



Eduardo Campos Pellanda¹
André Pase²

¹ Eduardo Campos Pellanda é formado em Publicidade e Propaganda pela PUCRS de Porto Alegre, Brasil. Mestre e Doutor em Comunicação pela mesma instituição. Professor de graduação e pós-graduação da Famescos-PUCRS onde também foi promovido para professor Titular por merecimento. Professor visitante do Mobile Experience Lab MIT/EUA onde também realizou dois períodos de pós-doutoramento. Foi membro do Advisory Board do GAMI (Global Alliance for Media Innovation WAN-IFRA). É fundador e coordenador do laboratório Ubilab de pesquisas aplicadas em ubiquidade comunicacional. Realizou pesquisas para corporações como HP, Grupo RBS, Bradesco, WAN-IFRA, TOTVS, Paim, Globo.com e Unicef.

² André Fagundes Pase. Doutor em Comunicação Social. Pesquisador e professor da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famescos da PUCRS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. Professor do curso de Jornalismo da mesma instituição. Professor visitante no Comparative Media Studies/ Writing do Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos, e na Faculté des Sciences du Sujet et de la Société da Université Paul Valéry - Montpellier 3, na França. Pesquisador do Ubilab, Laboratório de Pesquisa em Mobilidade e Convergência Midiática, e coordenador do grupo de pesquisa JEDI - Jogos e Entretenimento Digital Interativo.

produção. Agradecemos aqui todos os pareceristas envolvidos, que dedicaram seu tempo para contribuir com os autores na formação de um pensamento contemporâneo e que demanda olhares múltiplos.